

*O Estado de São Paulo,
Segunda-feira, 19. 4.2010*

Doença Brasileira

*MARCELO DE PAIVA ABREU**

Comentários veiculados na imprensa vêm tentando questionar em que medida o Brasil será beneficiado pelo aumento das exportações de commodities, na esteira do recente aumento de preços decorrente da superação da recessão de 2008/2009. A lógica é, em geral, questionável. São variações de uma verdadeira doença brasileira: a crença de que é prioritário reduzir a participação das exportações de commodities nas exportações totais.

Um jornal importante admitiu em editorial que o recente aumento de preços de minério de ferro é benéfico ao País, pois melhorará o saldo comercial de 2010 em US\$ 10 bilhões. Mas afirmou também que, embora a notícia seja boa, não deve iludir ninguém: Com o atual modelo de desenvolvimento, o Brasil está optando por voltar ao século 19, quando era apenas uma economia exportadora de produtos agrícolas. Na verdade, não há nada de inexoravelmente equivocado em ser exportador de commodities. O Brasil exportador de commodities teve excelente desempenho em termos de crescimento no século 20: até 1973, esteve no topo da classificação internacional, em companhia do Japão e da Finlândia.

Se a participação das commodities nas exportações totais tem aumentado, isso deve ser comemorado sem reticências. É certo que tal participação está crescendo, em parte porque as demais exportações têm tido dificuldades em enfrentar a concorrência internacional. As habituais lamentações quanto à taxa cambial não são convincentes. Sempre haverá uma taxa cambial suficientemente depreciada para compensar as distorções geradas pelo custo Brasil, desde a taxação exagerada até a logística grotescamente onerosa. O fato é que o Brasil é tão eficiente na produção de commodities que consegue superar essas desvantagens. Os defensores da depreciação cambial sempre acabam por propor a redução da taxa de juros para diminuir a atração de capitais externos. Resta saber como tal redução pode ser compatibilizada com a manutenção da inflação sob controle.

Outros comentaristas invocaram, em meio a reminiscências keynesianas, propostas de estabilização de preços de commodities. É curioso que o argumento seja suscitado no momento em que os preços de commodities se recuperam depois da queda sofrida com a recessão mundial. Seja como for, é bom frisar que John Maynard Keynes, nas suas diversas propostas, especialmente durante e após a 2.^a Guerra Mundial, levou primordialmente em conta os interesses nacionais britânicos. O título do terceiro volume da biografia de Keynes, por Robert Skidelsky, diz tudo: John Maynard Keynes. Fighting for Britain, 1937-1946. Lydia Lopokova, sua mulher, tinha razão quando dizia, com seu delicioso sotaque russo, objeto de chacota no círculo de Bloomsbury: Maynard is more than an economist. Com as expectativas de déficit no balanço de pagamentos britânicos

no pós-guerra, fazia sentido propor a Clearing Union, pois seria mais fácil o seu financiamento. Similarmente, dadas as expectativas de Keynes quanto ao aumento de preços de commodities no pós-guerra - como mostraram suas recomendações para que a Grã-Bretanha estocasse algodão no Brasil durante a guerra - não é surpreendente que advogasse o controle do comércio de commodities, protelando o aumento de preços.

Reduzir a volatilidade dos preços das commodities é desejável, mas há uma rica e longa história de fracasso de tais propostas. O equilíbrio entre produtores e consumidores sempre se revelou difícil. No caso do Commod Control, proposto por Keynes em 1942/1943, até o apoio do gabinete britânico foi limitado. A proposta nem mesmo foi publicada oficialmente, em contraste com a proposta da Clearing Union, que acabou derrotada em Bretton Woods.

Sempre é bom lembrar, também, que foram os consumidores de minério de ferro que implodiram o sistema de preços anuais de referência que havia vigorado por quatro décadas. Durante a crise, forçaram a obtenção de descontos, pois os preços spot haviam caído abaixo dos preços de referência.

É essencial evitar ideias equivocadas quanto à composição desejável das exportações. Em vez de chororô cambial, lamentações quanto à deterioração (sic) da pauta de exportações e estripulias intervencionistas, devem ser adotadas políticas públicas que minorem as desvantagens competitivas que enfrentam todas as exportações brasileiras

*Doutor em Economia pela Universidade de Cambridge e professor titular no Departamento de Economia da PUC-Rio.